

## PAULO FREIRE, MEU MENTOR REVOLUCIONÁRIO<sup>1</sup>

JUHA SUORANTA

### RESUMO

O brasileiro Paulo Freire é, sem dúvida, um dos mais estimados pensadores da educação do século XX. No entanto, na Finlândia, meu país natal, a influência de Freire na pesquisa e políticas educacionais tem sido relativamente marginal. No entanto, de uma perspectiva micro-histórica, o espírito de Paulo Freire tem guiado o meu trabalho acadêmico e o de outros, às margens das ciências sociais e educacionais na Finlândia. Neste artigo, considero a influência de Freire em minha carreira científica e avalio seu impacto geral nas ciências sociais e educacionais finlandesas.

**Palavras-Chave:** Pedagogia Crítica; Finlândia; Paulo Freire; Movimentos de Libertação Africana; Revolução.

## PAULO FREIRE, MY REVOLUTIONARY MENTOR

### ABSTRACT

Brazilian Paulo Freire is undoubtedly one of the most esteemed educational thinkers of the 20th century. Nevertheless, in Finland, my home country, Freire's influence on educational research and policy has been relatively marginal. However, from a micro-historical perspective, Paulo Freire's spirit has guided my and others' academic work on the margins of the educational and social sciences in Finland. In this article, I ponder Freire's influence on my scientific career and assess his general impact on the Finnish educational and social sciences.

**Keywords:** Critical Pedagogy; Finland; Paulo Freire; African Liberation Movements; Revolution.

## PAULO FREIRE, MI MENTOR REVOLUCIONARIO

### RESUMEN

El brasileño Paulo Freire es, sin duda, uno de los pensadores educativos más estimados del siglo XX. No obstante, en Finlandia, mi país de origen, la influencia de Freire en la investigación y la política educativas ha sido relativamente marginal. Sin embargo, desde una perspectiva microhistórica, el espíritu de Paulo Freire ha guiado mi trabajo académico y el de otros al margen de las ciencias sociales y educativas en Finlandia. En este artículo, reflexiono sobre la influencia de Freire en mi carrera científica y evalúo su impacto general en las ciencias sociales y educativas de Finlandia.

**Palabras Clave:** Pedagogía crítica; Finlandia; Paulo Freire; Movimientos de liberación africana; Revolución.

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

O brasileiro Paulo Freire é sem dúvida um dos pensadores da educação mais conceituados do século XX. O famoso livro de Freire, *Pedagogia do Oprimido*, publicado em 1968, é o terceiro livro mais citado nas ciências sociais, após *The Structure of Scientific Revolutions* de Thomas Kuhn e *Diffusion of Innovations* de Everett Rogers (ver GREEN, 2016). No entanto, na Finlândia, meu país natal, a influência de Freire na pesquisa e política educacional tem sido relativamente marginal. Em vez disso, como Suoranta e Tomperi (2020) apontam:

O legado de Freire tem sido parte de uma corrente alternativa de pensamento educacional na Finlândia, embora nunca tenha feito parte explicitamente das correntes mais amplamente aceitas. O mesmo se aplica no caso da política de educação finlandesa. O pensamento freiriano teve relativamente pouco efeito nessa área. (SUORANTA & TOMPERI, 2020.)

A invisibilidade de Paulo Freire na Finlândia é compreensível quando se compara a história do Brasil e da Finlândia. Como Suoranta e Tomperi também observam:

Não podemos deixar de ressaltar que o processo parlamentar vivido na Finlândia (...) nos anos 1960 difere muito do contexto político vivido no Brasil na época de Freire. No Brasil, o governo progressista havia sido derrubado por um golpe em 1964, após a classe dominante e da elite (classe econômica elitista, políticos de direita e grandes empresários) decidirem conter o desenvolvimento do ativismo político e da educação nas classes populares. Como o próprio Freire (2002) coloca, as elites poderosas pensavam que as classes populares e os pobres não faziam parte da democracia e não podiam "participar ativamente do processo histórico". Nos países nórdicos, o contexto político era diferente: as reformas educacionais e de qualquer outro tipo eram feitas com base em debates políticos democráticos. (SUORANTA & TOMPERI, 2020.)

## FREIRE ERA DINAMITE

Entretanto, a partir de uma perspectiva micro-histórica, a situação é diferente: o espírito de Paulo Freire guiou o meu trabalho acadêmico e o de outros nas margens das ciências educacionais e sociais na Finlândia. Meu primeiro encontro com o pensamento de Paulo Freire foi em um livro de psicologia social no final dos anos 80. O autor explicava o ponto de vista marxista de Freire. Ele define o ser humano como um "sujeito que, por meio da sua atividade, desenvolve cultura e história" (ESKOLA, 1982, p. 173). Alguns anos mais tarde, eu lia *Pedagogia do Oprimido*.<sup>3</sup>

No livro *Educação como prática da Liberdade* (1967), Freire descreve a ampla divisão entre opressores e os oprimidos no Brasil dos anos 50. Naturalmente, ele se posicionou do lado dos oprimidos (FREIRE, 2002; ver também PEREIRA, 2019).

No *Pedagogia do Oprimido*, ele apresenta uma teoria sobre como os oprimidos podem se tornar conscientes das características de uma sociedade repressiva e se libertarem de seus opressores, desse modo também libertando seus opressores ao mesmo

tempo. Ele argumenta que a libertação pessoal, social e política, um ato político e social, começa com o ensino da alfabetização nos chamados Círculos de Cultura. (FREIRE, 2005<sup>a</sup>.)

Nesses círculos, o povo oprimido ganha conscientização política e passa a compreender sua posição reprimida. Então eles se tornam conscientes do seu status de classe e se juntam a uma nova força política, tornando-se assim uma classe para si, nas palavras de Marx. Junto com líderes revolucionários, eles podem então se libertar da dominação social e econômica e então cumprir sua grande tarefa humanística e histórica de construir um mundo humanizado, enraizado na igualdade fundamental de todos os povos.

A pedagogia dos oprimidos, que é a pedagogia do povo engajado na luta por sua própria libertação, tem suas raízes aqui. E aqueles que se reconhecem, ou começam a se reconhecer como oprimidos, devem estar entre os desenvolvedores desta pedagogia. Nenhuma pedagogia verdadeiramente libertadora pode permanecer distante dos oprimidos, tratando-os como infelizes e apresentando para sua emulação modelos dentre os opressores. Os oprimidos devem ser seu próprio exemplo na luta por sua redenção. (FREIRE, 2005<sup>a</sup>, p. 53-54.)

Essas palavras foram dinamite para alunos como eu, que cresci numa família proletária nos progressivos anos 70 (ver SUORANTA, 2015). O livro se tornou meu “camarada”, e continua assim até hoje. Freire me deu uma nova direção; suas ideias aniquilaram os conceitos sujos das ciências educacionais conservadoras e burguesas na minha cabeça. A ideia do oprimido como uma força para a revolução política me ensinou que a educação e as ciências da educação são fenômenos profundamente políticos. Essa percepção foi um ponto de inflexão, a partir do qual não pude continuar nas ciências sociais convencionais.

Freire era um espírito livre dos revolucionários anos 60 quando escreveu *Pedagogia do Oprimido*. O livro não pode ser classificado em nenhuma disciplina específica, pois foi escrito principalmente para os pobres e marginalizados, e para aqueles que trabalham ao lado deles. Freire não queria classificar o seu trabalho; em uma ocasião, ele disse que “eu não inventei um método, ou uma teoria, ou um programa, ou um sistema, ou a pedagogia, ou uma filosofia” (TORRES, Rosa 1997, p.2).

Seja como for, a *Pedagogia do Oprimido* estabeleceu uma tradição global de pesquisa crítica em educação e um movimento educacional radicalmente político. Os teóricos da educação Michael Peters e Tina Besley (2015, p. 3) compararam o legado global de Freire ao de Nelson Mandela: Ambos foram “motivados por muitos dos mesmos recursos políticos; elevados por ideias políticas semelhantes de liberdade, igualdade e emancipação; e moldados pelas mesmas décadas de atividade radical durante as décadas de 1960 e 1970”.

A tradição global de pesquisa proveniente de Freire inclui, entre outros, os seguintes tópicos: alfabetização e linguagem, divisão e luta de classes, práticas de ensino e métodos de pesquisa crítica, poder e pobreza, raça e racismo, cultura e arte, ativismo e movimentos sociais (ver APPLE; AU; GANDIN, 2009; DARDER, 2018; DARDER; BALODANO; TORRES, R., 2003; KIRYLO, 2020; MCLAREN & KINCHELOE, 2007; PETERS & BESLEY, 2015; STEINBERG & CANNELLA, 2012; STEINBERG & DOWN, 2020, Seção 1; TORRES, C. 2019). Em

geral, a pedagogia crítica freiriana promove os direitos humanos e o socialismo democrático desde os anos 1970.

Nessas décadas, os estudiosos freirianos enfatizaram que “a investigação educacional, assim como a pedagogia como prática social, deve ser repensada do ponto de vista daqueles que existem na base da hierarquia capitalista global, se quisermos triunfar na guerra contínua pelos recursos escassos” (MCLAREN 2015, p. 25). O livro de Freire reuniu dezenas de milhares de pessoas e criou ricas conexões sociais e educacionais em todo o mundo. Eu penso nessas redes como a Universidade Freire global. Quando penso em Freire e nas pessoas que suas palavras e atos tocaram, sinto que sou um deles, mesmo enquanto escrevo este texto em minha casa na Finlândia durante a pandemia global COVID-19.

### LENDO FREIRE EM HAVANA

Em 1999, convidei o professor Peter McLaren da UCLA (EUA) para dar uma palestra na Finlândia. Ele conheceu Freire pessoalmente e acabara de escrever seu livro sobre a pedagogia revolucionária de Paulo Freire e Ernesto “Che” Guevara (MCLAREN, 2000). Dois de meus alunos traduziram o livro para o finlandês dez anos depois (MCLAREN, 2009). Peter e eu visitamos várias universidades finlandesas durante a turnê e decidimos nos encontrar novamente na próxima conferência *Marxism Today: A Renewed Left View* em Havana, Cuba.

Assim, três meses depois, em fevereiro de 2000, nos encontramos no Hotel Habana Libre em Havana. O livro de Peter, *Che Guevara, Paulo Freire e a Pedagogia da Revolução*, tinha acabado de sair da imprensa e, quando ele entrou no meu quarto de hotel, me entregou um exemplar. Eu li com entusiasmo até tarde da noite e sublinhei os seguintes parágrafos:

Paulo Freire foi um dos primeiros pensadores educacionais reconhecidos internacionalmente a reconhecer plenamente a relação entre educação, política, imperialismo e libertação. Na verdade, ele entendeu claramente que eles, além de, inevitavelmente contíguos, refletem-se um no outro. Ele também tinha plena consciência de que, sob o nome de “mercado livre”, a democracia havia retirado seu compromisso com a justiça social e, junto com essa retirada, havia posto em perigo seu compromisso fundamental com a educação. (MCLAREN, 2000, p. 141.)

A conferência de Havana foi realizada no campus do Instituto Superior de Arte. Circulou o boato de que Fidel Castro compareceria à reunião, mas ele não apareceu. Não consigo me lembrar de muitas das palestras agora. Ainda assim, lembro que os acadêmicos cubanos, ao contrário da maioria dos colegas visitantes, liam seus artigos, que pareciam citar as ideias de Marx quase palavra por palavra, sem oferecer visões esquerdistas novas ou inovadoras, como o título da conferência prometia. Durante o almoço e os intervalos para o café, um garçom de aparência graciosa serviu o melhor rum cubano com *tuKola* local em carrinhos de metal que pareciam a mesa de um patologista. Em uma foto tirada do lado de fora do Instituto de Artes, vejo-me sorrindo ao lado de Andrew Ross e Imre Szeman, dois proeminentes sociólogos e teóricos culturais que, entre outros acadêmicos curiosos do mundo capitalista, encontraram seu caminho até a lendária Cuba.

Lembro-me de dizer a Andrew e Imre como Cuba era um exemplo vital para Freire. A Revolução Socialista Cubana do final da década de 1950 o inspirou, demonstrando a Freire que, em grande parte, “a educação não molda a sociedade, mas a sociedade molda a educação de acordo com os interesses de quem detém o poder” (FREIRE, 1975, p. 24)

A revolução socialista aumentou sua esperança de que talvez um dia, no Brasil e em outros lugares da América Latina, fosse possível realizar uma mudança política e social semelhante e criar uma sociedade livre da exploração capitalista. Freire também era apaixonado pela campanha de alfabetização cubana de 1961 e ficou “comovido com a conquista cubana de alfabetizar mais de 900.000 pessoas em menos de um ano” (DE AGUIAR AMORIM et al., 2007; ver também KOZOL, 1978).

O exemplo de Cuba mostrou a Freire que os sistemas sociais feudais e capitalistas da América Latina estavam desatualizados. Aqueles que vivem na pobreza não poderiam desenvolver todo o seu potencial como indivíduos em tais condições. Por décadas, até mesmo séculos, as pessoas foram coagidas pelo regime brutal da servidão e convencidas, pela propaganda e violência implacável, de que não havia alternativa. Não admira que Freire tenha se interessado pela Cuba socialista. Ao final do *Pedagogia do Oprimido*, ele considera como seu método de alfabetização, em que “ler o mundo sempre precede a leitura da palavra, e ler a palavra implica em ler continuamente o mundo” (FREIRE, 1983, p. 19), poderia aprimorar a Revolução Socialista. Ele acrescenta que a Revolução Socialista se materializa na libertação da educação para beneficiar todas as pessoas.

Talvez ainda mais do que a conferência, lembro-me das noites quentes de Havana. Em uma dessas noites, uma família local nos convidou para sua casa. O avô da família lutou em Sierra Maestra e serviu como médico na unidade de Che. Peter tinha alguns remédios e um par de sapatos que trouxera de um velho amigo médico nos Estados Unidos. O simpático camarada nos mostrou fotos suas ao lado de Che nas montanhas e do desfile da vitória nas ruas de Havana.

Eu começava meus dias com uma caminhada pelos bairros de Havana. Certa manhã, usei entrar no portão de uma escola próxima. Uma senhora de jaleco branco deu-me as boas-vindas à porta da frente. Tentei explicar no meu espanhol praticamente inexistente (apenas algumas palavras) que era professor de educação da Finlândia e gostaria de visitar a sua escola. Em um inglês perfeito, ela respondeu que talvez pudessemos falar inglês. Conversamos um pouco e ela me contou que estudou medicina em Chicago nos anos 1950, antes da revolução socialista. Aprendi que existe uma médica escolar como ela em todas as escolas de Cuba.

## FREIRE, O REVOLUCIONÁRIO

Paulo Freire por vezes tem sido interpretado como um pensador inofensivo cujas ideias podem ser aplicadas apoliticamente no processo educacional. Eu penso, juntamente com outros pesquisadores, que isso não é verdade. Para mim, Freire representa um pensador humanista de esquerda ideal. É por isso que me interessei em estudar sua vida na Europa durante os anos 1970. O camarada Freire mudou-se para a Europa em 1970 para trabalhar na sede do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em Genebra. Tive a curiosidade de seguir sua jornada até a Suíça, onde trabalhou por dez anos, de 1970 a 1980. Em Genebra, Freire passou a se autodenominar um “peregrino do óbvio”. Ele explicou que “nesta peregrinação, estou aprendendo como é importante tomar o óbvio como objeto de

reflexão crítica e, aprofundando-me nele, descubro que não é, às vezes, tão óbvio quanto parece” (FREIRE, 1975, p. 17). Ele acrescentou que, nesta missão, ele deveria falar e escrever sobre essas coisas e questões de interesse – obviedades – que as pessoas já conheciam e poderiam até discutir em particular, mas poderiam não ter mencionado ou desvelado.

Como diretor de educação do WCC, Freire estava interessado em saber como funcionavam os movimentos de libertação e independência na África. No âmbito da missão do Conselho Mundial de Igrejas, Freire pretendia estabelecer ligações com países africanos independentes que lutavam pela liberdade, como Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Queria entrar em contato com movimentos de libertação desses países, como o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Além disso, Freire utilizou sua especialização em desenvolvimento educacional e em campanhas de alfabetização em vários outros países africanos, incluindo a Tanzânia. Freire falou sobre sua relação com a África da seguinte maneira:

Eu estava extremamente interessado na luta pela libertação do povo africano em geral. Com grande curiosidade e, felicidade maior ainda, acompanhei de perto a luta pela libertação em Moçambique, Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau, estando ciente da natureza distinta dessas lutas. As diferenças nessas lutas foram obviamente condicionadas pelos diferentes contextos históricos e geográficos. Antes mesmo da independência da Guiné-Bissau, então, eu já tinha um apego – tanto político quanto afetivo – a esse país e seu povo heroico. Foram precisamente essas ligações culturais, políticas e afetivas com a África que alimentaram meu interesse pela campanha de alfabetização na Guiné-Bissau. Como um homem do Nordeste do Brasil, eu estava culturalmente ligado à África, principalmente àqueles países que tiveram a infelicidade de serem colonizados por Portugal, como o Brasil. (FREIRE, 1987, p. 94.)

Muitos dos movimentos de independência da África tiveram suas origens nos movimentos de libertação e de revolta global dos povos, no final dos anos 1950 e 1960. Freire não participou das atividades dos movimentos revolucionários africanos tanto quanto os seguiu e simpatizou com eles, ao contrário de seu modelo pedagógico, Ernesto “Che” Guevara. Ele havia lutado no Congo em 1965, liderando tropas cubanas e ajudando os rebeldes locais na luta pela liberdade contra o governo opressor do país (ver ANDERSON, 1997).

Como um comprometido revolucionário cristão de esquerda, o objetivo filosófico, político e pedagógico de Freire era desestabilizar as relações de poder da elite dominante e o seu status quo em muitos países africanos. Freire não podia tolerar os sistemas educacionais de má qualidade e abaixo de quaisquer padrões controlados pela elite no poder. Freire viu em suas viagens pelos países africanos que, frequentemente, professores pouco preparados ensinavam seus alunos a serem submissos e a se submeterem à estrutura de poder. Uma exceção à regra era a Tanzânia, e Freire ficou particularmente interessado no presidente do país, Mwalimu Julius Nyerere (1922–1999), que liderou a Tanzânia de 1964 a 1985.

Nyerere promoveu o socialismo democrático e desenvolveu um sistema educacional e de educação de adultos baseado nos princípios socialistas do Ujamaa (na língua suaíli, *ujamaa* significa relações humanas recíprocas). Freire aprendeu que o desenvolvimento geral dos seres humanos na ideologia Ujamaa é baseado em suas comunidades mútuas, atenciosas e amorosas. (ASSIÉ - LUMUMBA, COSSA & WAGHID, 2019.)

Em geral, Freire descreveu sua relação com a África como um “retorno” em vez de uma “chegada”. Na África, ele identificou muitas coisas que havia esquecido na Europa, aspectos da vida que o faziam lembrar da América Latina e de seu Brasil natal. Freire descreve como, do aeroporto de Dar es Salaam à universidade, a cidade se abriu com dele como a um velho conhecido.

A partir daquele momento, mesmo as menores coisas, como velhos conhecidos, começaram a falar comigo de mim mesmo. A cor dos céus; o azul esverdeado do mar; o coco, a manga e os cajueiros; o perfume das flores; o cheiro da terra; as bananas e, entre elas, a minha preferida, a banana-maçã; o peixe cozido em óleo de coco; os gafanhotos pulando na grama seca; os movimentos corporais sinuosos das pessoas enquanto caminhavam nas ruas, seus sorrisos tão prontos para a vida; os tambores soando nas profundezas da noite; corpos dançando e, ao fazê-lo, “projetando o mundo”; a presença entre o povo de expressões de sua cultura que os colonialistas, por mais que tivessem tentado, não conseguiram erradicar – tudo isso tomou conta de mim e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava. (FREIRE, 2016, p. 1.)

O pensamento geral de Paulo Freire era que os sistemas sociais e educacionais estão sempre inextricavelmente ligados: o sistema social e o político determinam o sistema educacional, mas não vice-versa. Para a educação ser libertadora ou contribuir para a opressão das pessoas depende, na experiência de Freire, principalmente de quem governa a sociedade. No capitalismo autoritário, onde o poder está investido em uma pequena elite, a educação incute nas pessoas percepções distorcidas de que elas são inferiores e exige obediência à autoridade. Em uma democracia socialista, as pessoas, por sua vez, têm a oportunidade de se tornar pensadores e agentes da história independentes, abertos, críticos e corajosos.

## TRAZENDO INFLUÊNCIAS FREIRIANAS PARA A FINLÂNDIA

A influência de Freire, nas ciências educacionais finlandesas convencionais, tem sido relativamente pequena. Uma exceção é Aino Hannula, que defendeu sua dissertação pioneira sobre Paulo Freire em 2000. Um ano depois, tive o privilégio de coeditar um livro sobre pedagogia crítica com o professor Tapio Aittola, renomado sociólogo da educação (GIROUX & MCLAREN, 2001).

A tradução finlandesa da *Pedagogia do Oprimido* de Freire demorou a chegar, mas foi finalmente publicada em 2005 (FREIRE, 2005b). Tive o privilégio de escrever um posfácio para a edição finlandesa com um colega, o filósofo Tuukka Tomperi, que desempenhou um papel vital no processo de tradução. Os estudantes finlandeses das ciências da educação estão, se não familiarizados com seu trabalho, pelo menos cientes do

pensamento de Freire graças a essa tradução. Hoje, outros livros, teses e traduções que discutem as ideias de Freire também estão disponíveis em finlandês (por exemplo, HOOKS, 2007; KIILAKOSKI; TOMPERI; VUORIKOSKI, 2005; KURKI, 2002; MOISIO, 2009; NIVALA & RYNNÄNEN, 2019; SUORANTA, 2005; SUORANTA, 2019; SUORANTA & RYNNÄNEN, 2014).

Em 2006, editei um número especial do Finnish Journal of Education dedicado à pedagogia crítica. As ideias de Freire foram centrais para muitos dos artigos. Quando enviei a edição temática, estava trabalhando como professor visitante no departamento de Sociologia da Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, onde também encontrei a influência de Freire. O sociólogo Michael Burawoy mencionou Freire em sua palestra sobre sociologia pública. No espírito de Freire, ele destacou que o ensino de sociologia é, no melhor dos casos, uma série de diálogos “entre nós e os alunos, entre os alunos e suas próprias experiências, entre os próprios alunos e, finalmente, um diálogo dos alunos com públicos fora da universidade”. (BURAWOY, 2005, p. 9, ver também BURAWOY & VON HOLDT, 2012, capítulo 5).

Eu me interessei pela sociologia pública durante minha estada em Minnesota, e a tenho ensinado para estudantes de ciências sociais na Universidade de Tampere quase todos os anos desde 2009, à exceção de alguns anos intermediários. Na primavera de 2019, a leitura preliminar do nosso curso foi *Pedagogia do Oprimido*. Na minha opinião, a sociologia pública é para a sociologia o que o pensamento de Freire é para as ciências da educação. Ou seja, ambos lançam luz sobre as chagas sociais e políticas do capitalismo, guerra de classes, racismo, intolerância, dominação, hegemonia e distorção ideológica.

Com o passar dos anos, vários centros Freire surgiram em todo o mundo; alguns deles operam em conjunto com universidades. Como não havia um desses centros nos países nórdicos, decidi criar um em 2007 (<https://paulofreirefinland.wordpress.com/>). Peter McLaren deu a palestra inaugural do centro sobre “Paulo Freire e a Pedagogia Crítica nos Tempos do Terror Neoliberal”.

Nos dois verões seguintes, em 2008 e 2009, Peter e eu organizamos Escolas de Verão de Pedagogia Crítica com meus colegas Tapio Aittola e Olli-Pekka Moisio. Peter McLaren ensinou na escola nos dois anos consecutivos. A Escola de Verão atraiu participantes de doutorado de diferentes universidades finlandesas, e editamos três volumes sobre pedagogia crítica extraídos das apresentações das escolas de verão (AITTOLA; ESKOLA; SUORANTA, 2007; LANAS; NIINISTÖ; SUORANTA, 2008; MOISIO & SUORANTA, 2009). Neste momento, perto do final de outubro de 2020, esses livros foram baixados mais de 20.000 vezes como e-books.

Durante o final dos anos 2000 e início dos anos 2010, participei ativamente das Conferências Anuais de Pesquisa Educacional Finlandesa, junto com Tapio Aittola, que já havia introduzido Freire e a pedagogia crítica em seu ensino nos anos 90. Organizamos o Grupo de Interesse Especial de Pedagogia Crítica em várias conferências; o encontro em Vaasa de 2007 foi um dos mais memoráveis.

Peter McLaren deu a palestra principal da conferência, e um grupo de alunos da Universidade de Arte e Design decidiu fazer uma viagem de campo para ouvir sua palestra e conhecê-lo. Eles tinham lido meu livro *Radikaali kasvatus* (*‘Educação Radical’*, 2005), uma introdução à tradição da educação crítica, e foram inspirados a estudar figuras radicais como Freire, Marx e McLaren, junto com outros pensadores críticos. Na conferência, eles conheceram Peter pessoalmente; depois, nos encontramos novamente no bar local. Uma das alunas de arte foi Lissu Lehtimaja, que desenhou um documentário em quadrinhos

sobre Freire como suas teses artísticas (LEHTIMAJA, 2006). A multitalentosa Lissu Lehtimaja também foi a vocalista da banda Maria Gasolina (ativo 2001–2019), que tocava principalmente música popular brasileira com letras finlandesas (<https://www.mariagasolina.net/>).

### UM LIVRO SOBRE FREIRE

As palavras de Paulo Freire me deram conforto e incentivo quando mais precisava delas. No final dos anos 2000, ajudei um menor de idade em busca de asilo, em risco de deportação, a ficar na Finlândia (ver SUORANTA, 2021). Em momentos difíceis, pensei nas experiências de Freire no exílio e nas suas palavras de que “a busca da humanidade plena não pode ser feita de forma isolada ou individualista, mas apenas em companheirismo e solidariedade” (FREIRE, 2000, p. 85). Essas palavras me deram coragem para acreditar que, já que o mundo não é justo, é fundamental ajudar as pessoas em situações difíceis (SUORANTA, 2010, p. 67).

Eu havia ensinado Freire em minhas aulas por muitos anos, mas eu sabia quem ele era? Quais foram suas raízes; qual foi o contexto sociopolítico de sua obra? Em 2017, quando a *Democratic Civic Association* (DCA) me convidou para falar sobre a relação entre Freire e Marx durante seu seminário de verão na casa de férias Vähäjärvi em Lautsia, Finlândia, tive que começar a reler Freire e - como se sabe - reler sempre gera algo novo.

A DCA é uma organização não governamental de esquerda na Finlândia. Ele se concentra nos objetivos educacionais dos movimentos de esquerda e da classe trabalhadora. Seus princípios básicos são “solidariedade global, justiça social e econômica e as ideias de paz, humanismo e socialismo” (DEMOCRATIC CIVIC ASSOCIATION). A organização apoia as ações das pessoas nos campos cívico e cultural e especialmente nas organizações de esquerda e de trabalhadores, e movimentos trabalhistas, pacíficos, ambientais e outros movimentos civis. A DCA promove estudos marxistas contemporâneos e publica literatura e material para estudo e discussão. “O membro mais importante da organização é o Partido Comunista da Finlândia.” (ASSOCIAÇÃO CÍVICA DEMOCRÁTICA.)

Após o evento, o chefe de departamento da DCA perguntou se eu havia pensado em escrever um livro sobre Freire. Seria, segundo ele, urgentemente necessário. Encorajado por suas palavras, prometi tentar. Quando estava elaborando o livro, percebi que não sabia muito sobre o desenvolvimento de Freire como educador revolucionário. O livro para o público finlandês nasceu dessa mesma questão (ver SUORANTA, 2019). No final do livro, listo algumas recomendações no espírito de Freire para aqueles que desejam usar suas ideias em suas pesquisas e práticas. Estas são minhas nove sugestões:

- A realidade social é uma entidade “em formação” e “resultado da prática dos seres humanos sobre a realidade” (FREIRE, 1975, p. 14, *itálico no original*); não é um reino de necessidade, mas de liberdade. A realidade social consiste em diferentes relações, uma das quais é a relação entre oprimidos e opressores. Como Freire nos lembra, é tarefa dos oprimidos, não apenas se libertar dos opressores, mas também libertar seus opressores (FREIRE, 2005a).

- O mundo histórico e cultural é uma criação humana e, portanto, os humanos podem mudá-lo. O mundo não é uma entidade estática; nas palavras de Friedrich Engels (1886, parágrafo 5, itálico no original), “o mundo não deve ser compreendido como um complexo de coisas prontas, mas como um complexo de processos, em que as coisas aparentemente estáveis, não menos que suas imagens mentais em nossas cabeças, os conceitos, passam por uma mudança ininterrupta de vir a ser e passar, na qual, apesar de tudo parecer acidentalmente e de todo retrocesso temporário, um desenvolvimento progressivo se afirma no final.”
- É crucial lançar luz sobre as relações sociais, políticas e práticas burocráticas institucionais que reproduzem opressão e impotência, e ameaçam destruir todo o planeta e seus habitats. As pessoas precisam explorar formas alternativas de ser e viver. Devem atuar nos movimentos sociais de defesa da democracia, dos direitos humanos e da luta contra o autoritarismo de direita e o totalitarismo populista. Assim, eles percebem que um “*otro mundo es posible*”.
- O ativismo social nos ajuda a compreender as conexões entre nossas próprias vidas e as de outras pessoas, e a construção das circunstâncias e da história. Dessa forma, podemos também apreender as conexões entre nossas biografias e a história, e transformar problemas privados em questões sociais.
- Essas questões sociais dão origem a movimentos de massa e projetos políticos que divulgam as ideias dos participantes, desenvolvem novas ideias e propõem soluções para os problemas sociais. Os oprimidos se tornam os coveiros do capitalismo, unindo-se como uma força para derrubar o sistema social destrutivo.
- Nos processos dialógicos freirianos, os participantes entendem o que significa ser um ator humano genuíno. Suas ações estão relacionadas às suas experiências e necessidades, não àquelas que a elite governante lhes apresenta.
- Dessa forma, as pessoas aprendem os mitos ideológicos e as mentiras descaradas que as governam e oprimem. Elas se tornam criticamente cientes de como a elite governante usa e abusa do poder, especialmente em conjunto com o poder econômico e militar, de maneiras que ameaçam o desenvolvimento humano individual e o futuro do planeta.
- Os pesquisadores freirianos críticos devem aprender, entre outras coisas, a serem agentes políticos. Assim, eles podem usar seu conhecimento teórico e habilidades de pesquisa em ação para delinear as possibilidades de um mundo diferente. Eles podem observar, reunir informações, discutir, escrever e publicar. Acima de tudo, eles podem participar de processos de negociação e trabalhar coletivamente para

transformar e reescrever o mundo de forma crítica. Pesquisadores e pessoas precisam uns dos outros e devem unir forças!

- Segundo Freire, as pessoas devem abolir o capitalismo, deter forças econômicas desumanas e reverter o desenvolvimento tecnológico destrutivo: “O futuro pertence aos Povos e não aos Impérios” (FREIRE, 2004, p. 56).

Os ensinamentos de Freire ainda são relevantes hoje, talvez mais relevantes do que nunca. É urgente refletirmos e agirmos criticamente sobre os desafios de nosso tempo: as mudanças climáticas, o fosso cada vez maior entre ricos e pobres, o populismo de direita, o neofascismo e a corrida armamentista.

## REFERÊNCIAS

AITTOLA, T., ESKOLA, J. & SUORANTA, J. (Eds.). *Kriittisen pedagogiikan kysymyksiä* (‘Questions of Critical Pedagogy’). Tampere: University of Tampere, 2007.  
<http://urn.fi/urn:isbn:978-951-44-7166-7>

ANDERSON, J. Che Guevara. *A Revolutionary Life*. New York: Grove Press, 1997.

APPLE, M., AU, W. & GANDIN, A. (Eds.). *The Routledge International Handbook of Critical Education*. New York & London: Routledge, 2009.

ASSIÉ-LUMUMBA, N., COSSA, J. & WAGHID, Y. Freire and Africa: A Focus and Impact on Education. In: TORRES, C. (ed.) *The Wiley Handbook of Paulo Freire*. London: Wiley-Blackwell, 2019, p. 149–166.

DARDER, A., BALODANO, M. & TORRES, R. *The Critical Pedagogy Reader*. New York & London: RoutledgeFalmer, 2003.

DE AGUIAR AMORIM, M., PEREZ CRUZ, F., CONTRERAS, R. HOLST, J., VETTER, M. & BAHRUTH, R. 40 Years from Education as the Practice of Freedom: New Perspectives on Paulo Freire from Latin America. *Adult Education Research Conference Paper 4*, 2007.  
<http://newprairiepress.org/aerc/2007/symposia/4> DEMOCRATIC CIVIC ASSOCIATION  
<http://www.desili.fi/in-english/> Accessed October 13, 2020.

ESKOLA, A. *Vuorovaikutus, muutos, merkitys*. (‘Interaction, Change and Meaning’). Helsinki: Tammi, 1982.

ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy*, 1886.  
<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1886/ludwig-feuerbach/cho4.htm>  
 Accessed October 7, 2020.

FREIRE, P. Pilgrims of the Obvious. *Risk* 11(1), 1975, p. 13–18.

FREIRE, P. The Importance of the Act of Reading. *Journal of Education* 165(1), 1983, p. 5–11.

FREIRE, P. Literacy in Guinea-Bissau Revised. In: FREIRE, P. & MACEDO, D. *Literacy. Reading the Word and the World*. Westport: Bergin & Garvin, 1987, p. 94–119.

FREIRE, P. *Education for Critical Consciousness*. New York: Continuum, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogy of Indignation*. Boulder: Paradigm Publishers, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogy of the Oppressed*. 30<sup>th</sup> Anniversary Edition. New York: Continuum, 2005a.

FREIRE, P. *Sorrettujen pedagogiikka* ('Pedagogy of the Oppressed'). Transl. Joel Kuortti. Tampere: Vastapaino, 2005b.

FREIRE, P. *Pedagogy in Process. The Letters to Guinea-Bissau*. London: Bloomsbury, 2016.

BURAWOY, M. For Public Sociology. *American Sociological Review* 70, 2005, p. 4–28.

BURAWOY, M. & VON HOLDT, K. *Conversations with Bourdieu: The Johannesburg Moment*, 2012. <http://burawoy.berkeley.edu/Books/Bourdieu.SA/Conversation%205.pdf>

DARDER, A. *The Student Guide to Freire's Pedagogy of the Oppressed*. London: Bloomsbury Academic, 2018.

GIROUX, H. & MCLAREN, P. *Kriittinen pedagogiikka* ('Critical Pedagogy'). Transl. Jyrki Vainonen. Tampere: Vastapaino, 2001.

GREEN, E. What are the most-cited publications in the social sciences (according to Google Scholar), 2016. <https://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2016/05/12/what-are-the-most-cited-publications-in-the-social-sciences-according-to-google-scholar/> (3.1.2020)

HANNULA, A. *Tiedostaminen ja muutos Paulo Freiren ajattelussa. Systemaattinen analyysi Sorrettujen pedagogiikasta*. ('Conscientization and Change in Paulo Freire's Thinking. A systematic analysis of *Pedagogy of the Oppressed*'). University of Helsinki: Faculty of Education, 2000. <http://urn.fi/URN:ISBN:951-45-9420-7>

HOOKS, B. *Vapauttava kasvatus* ('Teaching to Transgress. Education as the Practice of Freedom'). Helsinki: Kansanvalitusseura, 2007.

KIRYLO, J. *Reinventing Pedagogy of the Oppressed. The Enduring Legacy of Paulo Freire*. London: Bloomsbury Academic, 2020.

KIILAKOSKI, T., TOMPERI, T. & VUORIKOSKI, M. (Eds.). *Kenen kasvatus* ('Whose Education'). Tampere: Vastapaino, 2005.

KOZOL, J. A New Look at the Literacy Campaign in Cuba. *Harvard Educational Review* 48(3), 1978, p. 341–377.

KURKI, L. *Persoon ja yhteisö* ('Person and Community'). Jyväskylä: SoPhi, 2002.

LANAS, M., NIINISTÖ, H. & SUORANTA, J. (Eds.). *Kriittisen pedagogiikan kysymyksiä 2* ('Questions of Critical Pedagogy 2'). Tampere: Tampereen yliopisto, 2008.

<http://urn.fi/urn:isbn:978-951-44-7544-3>

LEHTIMAJA, L. *Freiren kyydissä* ('Riding with Freire'). Helsinki: Like, 2006.

MCLAREN, P. *Che Guevara, Paulo Freire, and the Pedagogy of the Revolution*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2000.

MCLAREN, P. *Che, Freire ja vallankumouksen pedagogiikka* ('Che Guevara, Paulo Freire, and the Pedagogy of the Revolution'). Transl. T. Ahponen and L. Poser. Helsinki: Like, 2009.

MCLAREN, P. Reflections on Paulo Freire, Critical Pedagogy, and the Current Crisis of Capitalism. In: PETERS, M. & BESLEY, T. (Eds.). *Paulo Freire. The Global Legacy*. New York: Peter Lang, 2015, p. 17–37.

MCLAREN, L. & KINCHELOE, J. (Eds.). *Critical Pedagogy. Where Are We Now?* New York: Peter Lang, 2007.

MOISIO, O-P. *Essays on Radical Educational Philosophy*. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2009.

[https://www.researchgate.net/publication/304019730\\_Essays\\_on\\_Radical\\_Educational\\_Philosophy](https://www.researchgate.net/publication/304019730_Essays_on_Radical_Educational_Philosophy)

MOISIO, O-P. & SUORANTA, J. (Eds.). *Kriittisen pedagogiikan kysymyksiä 3* ('Questions of Critical Pedagogy 3'). Tampere: Tampereen yliopisto, 2009. <http://urn.fi/urn:isbn:978-951-44-7900-7>

NIVALA, E. & RYYNÄNEN, S. *Sosiaalipedagogiikka* ('Social Pedagogy') Helsinki: Gaudeamus, 2019.

PEREIRA, S. *Educação como Prática da Liberdade*. *Educação & Linguagem* 22(2), 2019, p. 211–216. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/9937/7090>

PETERS, M. & BESLEY, T. (toim.). *Paulo Freire. The Global Legacy*. New York: Peter Lang, 2015.

RYYNÄNEN, S. *Nuoria reunoilla. Sosiaalipedagoginen tutkimus rikollisuuden ja väkivallan keskellä elävien nuorten kasvun tukemisesta brasilialaisissa kansalaisjärjestöissä* ('Young People on the Edge. Socio-pedagogical research on the pedagogical support provided by Brazilian NGOs for the growth of young people living in the context of crime and

violence’). *Acta Electronica Universitatis Tampereensis* 1088, 2011.

<http://urn.fi/urn:isbn:978-951-44-8482-7>

STEINBERG, S. & CANNELLA, G. (Eds.). *Critical Qualitative Research Reader*. New York: Peter Lang, 2012.

STEINBERG, S. & DOWN, B. (Eds.). *The SAGE Handbook of Critical Pedagogies*. Thousand Oaks: Sage, 2020.

SUORANTA, J. *Radikaali kasvatus* (‘Radical Education’) Helsinki: Gaudeamus, 2005.

SUORANTA, J. *Hidden in Plain Sight*. Transl. Silja Kudel. Helsinki: Into, 2010.

[https://www.researchgate.net/publication/272506252\\_Hidden\\_in\\_Plain\\_Sight](https://www.researchgate.net/publication/272506252_Hidden_in_Plain_Sight)

SUORANTA, J. Towards Rebellious Research: Pages from the Sketchbook of a Working-Class Academic. In: PORFILIO, B., & FORD, D. (Eds.). *Leaders in Critical Pedagogy: Narratives for Understanding and Solidarity*. Rotterdam: Sense Publishers, 2015, p. 199–210.

SUORANTA, J. *Paulo Freire. Sorrettujen pedagogi*. (‘Paulo Freire. A Pedagogue of the Oppressed’). Helsinki: Into, 2019.

SUORANTA, J. Ashraf, Paulo and Me, or Where Heterogeneous Realities Meet. In: KRESS, T., LAKE, B. & STEIN, E. (Eds.) *Radically Dreaming: Illuminating Freirean Praxis in Dark Times*. DIO Press, 2021.

SUORANTA, J. & RYYNÄNEN, S. *Taisteleva tutkimus* (‘Rebellious Research’). Helsinki: Into, 2014.

SUORANTA, J. & TOMPERI, T. Freire en Finlandia: trayectorias de la presencia de Paulo Freire en el Norte global. *Archivos De Ciencias De La Educación* 13(16), 2020.

<https://www.archivosdeciencias.fahce.unlp.edu.ar/article/view/Archivose069>

TORRES, C. (ed.). *The Wiley Handbook of Paulo Freire*. London: Wiley-Blackwell, 2019.

TORRES, R. M. The Million Paulo Freires. *Convergence* 31, 1997, p. 1–2. <https://www.dvv-international.de/en/adult-education-and-development/editions/aed-692007/10th-anniversary-of-paulo-freirersquos-death/the-million-paulo-freires>

---

<sup>1</sup> Traduzido e revisado por Ana Paula Camargo, estudante de MBA em Educação da Universidade de Ciências Aplicadas de Tampere, Finlândia. Email: ana.ciriocamargo@tuni.fi

<sup>2</sup> Este texto é uma versão revisada e ligeiramente ampliada do artigo publicado originalmente em inglês na Revista Ideação (<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/26706>).

<sup>3</sup> Agora tenho várias cópias deste trabalho em minha estante; em minhas viagens, muitas vezes comprei o livro de Freire em diferentes idiomas e edições.

---

*Submetido em abril de 2021.*

*Aprovado em junho de 2021.*

**Autoria**

**Juha Suoranta**

Universidade de Tampere, Finlândia

**E-mail:** [juha.suoranta@tuni.fi](mailto:juha.suoranta@tuni.fi)

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-5206-0115>

**Lattes:** -